ICET TL 3789

GOVERNADORES ASSISTENTES EM TIMOR LESTE

A partir de 1 de Abril, Timor Leste fica com três governadores assistentes. Estes governadores vão ficar à cabeça de três regiões e são nomeados pela resolução do Ministério da Administração interna, no 821.25.529, 1986.

A primeira região, Vilayah I, tem a sua base em Baucau e abrange os distritos Baucau, Viqueque, Lautem e Manatuto. A segunda região, Vilayah II, tem a sua base em Ermera e abrange os distritos de Ermera, Liquica, Aileu e Manufahi. A terceira região, Vilayah III, tem a sua base em Maliana e abrange os distritos de Bobonaro, Amseno, Ainaro e Kovalima.

Os governadores assistentes foram empossados pelo governador Mário Carrascalão, no dia 1 de Abril. São os senhores: Coronel Otto Daryono, chefe do Gabinete de Planeamento de Timor Leste (para Vilayah I); Tenente Coronel Hidayat, comandante militar de Ermera (para Vilayah II); e Tenente Coronel R. Ginting, antigo segundo assistente do Comando Militar Regional de Timor Leste (para Vilayah III).

Os três governadores assistentes acumularão as suas antigas funções com as novas.

(Suara Pembangunan, 30.03.87)

CENTRAIS NUCLEARES

No dia 7 de Julho de 1981, uma revista de tecnologia e sociedade, "Bèta", lançou a notícia de que, em 1982, arrancar-se-ía com a construção de uma central nuclear, com a capacidade de 683 megawatts. Nessa altura, falou-se em Jepara como lugar da construção, uma cidade no centro de Java, no sopé da montanha de Murio.

Agora, no dia 22 de Abril de 1987, é lançada uma outra notícia pelo The Financial Times, dizendo que o Batan (a comissão indonésia para a energia nuclear) já investiu 300 milhões de dólares na construção de uma central nuclear de 30 megawatts, perto de Jacarta. A notícia dizia ainda que a central nuclear será inaugurada no final deste ano, pelo presidente Suharto.

Quanto à construção da central nuclear em 1982, a principal figura impulsionadora nessa altura foi o prof. dr. A-Baiquni, formado nos EU em alta física energética que, devido à sua função de director geral do Batan, organizou uma estreita colaboração com os especialistas de energia nuclear da Universidade Livre de Amsterdam.

Quanto à construção desta central nuclear de 30 megawatts, perto de Jacarta, o impulsionador é o dr. Yusuf Habibie, o ministro indonésio da Tecnologia que, como homem de confiança de Suharto, desde há muito tempo anda com a ideia de além desta, construir uma outra central nuclear de 1000 megawatts, no valor de 3 milhares de milhões de dólares, um tipo de reactor como o que é apresentado pelo fabricante francês Framatome, o japonês Mitsubishi, o americano Westinghouse e o alemão federal Kraftwerke. Além destes, também houve uma oferta de um reactor canadiano, ainda mais caro.

O POVO IMPEDIDO DE FALAR

Para a tomada de decisões tão fundamentais como estas, não se realizaram, até agora, quaisquer debates públicos na Indonésia; e muito menos manifestações como as que houve em Haia, Woensdrecht ou Borssele. As massas de trabalhadores não organizados e também a massa-mengambang (massa flutuante) de camponeses, na Indonésia, não têm nada a dizer. Já há muito tempo que estão impedidos de falar. Além disso, o governo militar de Suharto não tomou em conta as reservas de milhões de toneladas de carvão de pedra e lenhite, as quais foram estimadas pelo The Financial Times em 20 milhares de milhões de toneladas.

Mas a ambição do governo de Suharto é tão grande, que ficou com uma impressão totalmente errada da situação do mercado internacional, segundo um banqueiro de Jacarta. Também as Filipinas têm que pagar anualmente 120 milhões de dólares de

juros por uma central que ainda é mais pequena do que a planeada para Jepara (620 megawatts).
Por um lado, é uma boa ideia que os técnicos que trabalham na central nuclear usem fatos de trabalho adequados para os proteger contra as radiações prejudiciais. Mas, por outro lado, é uma pena que, juntamente com esses técnicos, também sejam contratados culis, que fazem o seu trabalho descalços. Uma imagem triste do verdadeiro ponto da situação em que se encontra a tecnologia.

Sanções para Buyung

O jurista e advogado indonésio Buyung Nasution foi proibido de exercer a sua profissão, pelo período de um ano, pelas autoridades indonésias.
Buyung ficou conhecido por aparecer em processos políticos e pelas suas críticas duras à política dos direitos humanos da Indonésia, e por isso o Ministério da Justiça indonésio não o deixa em paz.
Depois da sua intervenção no polémico processo contra o general Dharsono ele foi impedido de exercer a sua profissão, acusado de ofensas ao tribunal, mas esse castigo não foi sancionado pelo Supremo Tribunal. Através da embaixada indonésia em Haia, Buyung, que está na Holanda a estudar, recebeu um telegrama do seu ministro da Justiça.
O telegrama dizia que o ministro da Justiça impunha uma sanção administrativa a Buyung, na sua qualidade de conselheiro jurídico e advogado. Se ele não apresentasse recurso dentro de duas semanas, a sanção tornar-se-ía válida, devido ao seu comportamento no tribunal durante o processo contra Dharsono.
Buyung não se deu por vencido com o telegrama do ministro: "Eles o que querem é apanhar-me. Os únicos que ainda podem criticar o regime livremente são os advogados no tribunal. O governo quer fazer-me calar para assustar os advogados."
Através da embaixada indonésia, o advogado dos direitos humanos Buyung Nasution enviou uma carta ao ministro da Justiça, protestando contra a sua resolução e pedindo-lhe que a revogue: "No telegrama não está nenhuma acusação clara, não há qualquer informação sobre o processo de recurso, eles estão-se nas tintas para qualquer forma de decência do direito. Mas não tenho a intenção de me calar."
Mas o ministro não voltou atrás na resolução que tinha tomado: Buyung ficou proibido de trabalhar pelo período de um ano.
Assim, chegámos a uma situação típica do 'estado de direito' indonésio: um ministro pode revogar uma resolução do Supremo Tribunal. Daí se conclui que não existe qualquer independência do juíz.

tradução: luísa freitas

22 OUT 87

Indonésia, factos e opiniões Junho 1987

Puramente interno?

Se uma ditadura militar responde a críticas vindas do estrangeiro com um 'isso é um assunto puramente interno', então deve-se protestar que as intenções dela é que não são lá muito puras. Um ministro holandês que engole uma desculpa dessas e ainda por cima a transmite com toda a seriedade, só consegue tornar-se ridículo com essa atitude.

Van den Broek respondeu por escrito, em 26 de Março passado, a perguntas que lhe tinham sido feitas do Parlamento, por Andrée van Es, sobre eventuais passos que o governo tenha dado, referentes aos quatro estudantes de Timor Leste que tinham pedido protecção na embaixada holandesa em Jacarta. O conteúdo da resposta é, não só ridículo, mas também altamente exasperante. Com o seu acordo, note-se, visto que ele estava precisamente nessa altura a visitar Jacarta, a nossa embaixada fez pressão sobre os estudantes, em Outubro do ano passado, para que abandonassem o edifício da embaixada; isto porque as autoridades teriam dito que os estudantes poderiam deixar o país com um passaporte português. Os passaportes portugueses já estão prontos. E o que é que diz o ministro agora?

'O governo indonésio comunicou entretanto que considera os quatro estudantes como cidadãos indonésios e, por isso, vê este caso como um assunto puramente interno, do qual não deseja falar com terceiros. O governo holandês informou o governo português do ponto de vista indonésio'.

Que é que está para aí a dizer, Excelência? Informou? Então Vossa Excelência, membro do governo holandês, não sabe que a Holanda nunca reconheceu a ocupação de Timor Leste pela Indonésia? E que também as Nações Unidas ainda consideram essa ocupação como ilegal?

Resignando-se, perante o governo indonésio e perante o Parlamento holandês, às pretenções da Indonésia sem um forte protesto e renunciando a ter voz na matéria futuramente, Van den Broek não só enganou(*) os quatro estudantes, mas também se subtraiu aos mais elementares deveres do direito dos povos.

Se alguma vez houve razão para uma vigorosa interpelação do Parlamento, foi depois desta resposta do ministro, covarde de uma ponta à outra.

V. F. Wertheim

Crianças de Timor Leste subalimentadas

O Dr. M. Sasongko, chefe dos serviços de saúde indonésios na província de Timor Leste, declarou, em princípios de Março, que mais de 38.000 crianças, com idades compreendidas entre zero e cinco anos, estão subalimentadas (Jacarta Post, 06.03.87).

Se se projectar este número nas estatísticas populacionais oficiais indonésias, então isso significa que mais de 42% das crianças de Timor Leste, abaixo dos cinco anos de idade, apresenta graves sinais de subalimentação. Isto é uma enorme percentagem, se pensarmos que as autoridades indonésias continuamente querem fazer com que o estrangeiro acredite que as enormes quantidades de dinheiro que gastam com o desenvolvimento de Timor Leste, são usadas em projectos que beneficiariam o seu povo. Na verdade, grande parte do orçamento de anexação é destinada à continuada guerra contra a Fretilin; às chamadas aldeias de refixação e infrastruturas que levem a população a ficar sob o controle indonésio; ao desenvolvimento de algumas plantagens que estão nas mãos de militares indonésios; à corrupção e a projectos de prestígio onde os generais de Jacarta enchem os bolsos.

* N. da t.: Wertheim joga aqui com duas palavras muito parecidas 'inlichten'- informar; e 'oplichten'- enganar.

Indonésia, factos e opiniões Junho 1987

Crítica de livros

Funu, uma lenda timorense de hoje

As vezes, assalta-me um pensamento angustiante: há lugares, dos mais recônditos do mundo - Timor Leste, o Sahará Ocidental, Eritreia - que parece que estão condenados a permanecerem eternamente lugares onde se mata e se pagam pesados tributos de guerra.
Enquanto que no resto do mundo se encontram soluções para a dominação colonial e confrontações militares - embora, muitas vezes, só depois de anos de luta sangrenta - essas regiões permanecem lugares de má sorte, onde nunca se encontram soluções; onde a guerra e a guerrilha, abraçadas num beijo de morte, se mantêm em vida, em equilíbrio.
Quanto mais países se tornam independentes, menos países levantam a sua voz contra a revoltante violência nessas regiões de desgraça. Numa casa do mundo bem arrumada há sempre arrecadações sujas que são necessárias, precisamente para manter a casa sempre limpa e arrumada.
Outras vezes, o meu pesadelo ainda é mais horrível. Vejo, então, a população de Timor Leste ser dizimada, até ao último homem, mulher, a última criança ou ser vivo, como aconteceu com os Arménios, há setenta anos.
Então, à noite só se ouvem tristes canções de lamento, das gargantas secas de deambulantes fantasmas timorenses: 'Mundo, porque é que me fizeram isto?'
Foi uma visão assim, que eu tive quando li o livro de José Ramos Horta 'Funu, the Unfinished Saga of East Timor'. Numa fila quase sem fim, aparecem os países culpados do drama de Timor Leste, no banco dos réus, face ao Delegado do Ministério Público Ramos Horta.
Ele faz-lhes perguntas directas: 'Porque deixaram que a Indonésia invadisse e ocupasse Timor Leste? Porque a apoiaram?'
A maioria das nações cala-se, da mesma maneira que se abstem do voto nas votações das Nações Unidas referentes a Timor Leste.
A Indonésia - a ré principal - os Estados Unidos, a Austrália e a Malásia são suficientemente honestas para defenderem as suas razões. A razão que está na posição estratégica da Indonésia e em interesses políticos (Indonésia, EU), na supremacia da raça branca, que governa bem o mundo (Austrália), nos meandros económicos do petróleo (Malásia).
Juntamente com o velho filósofo político Maquiavel, e como testemunha deste processo lançado por Horta, fico ainda mais irado com os hipócritas: os países que se calam como a Holanda e a Inglaterra, França, Alemanha Federal e muitos dos chamados países do Terceiro Mundo. Porque os hipócritas mudos fazem o papel da inocência, rectidão, ordem do direito internacional, enquanto que, por detrás das suas bonitas máscaras escondem-se feias caras de rude interesse próprio e ordinária cobiça de dinheiro.
Esta foi a minha primeira, pessimista reacção, ao ler o requisitório de 200 páginas de Ramos Horta.

Admiração

A segunda foi de admiração. O acusador Ramos Horta é generoso. Ele faz perguntas, investiga, reconstrói o crime de Timor Leste sem rancor. Este homem, há mais de dez anos representante diplomático da Fretilin nas Nações Unidas, está naturalmente amargurado.
Como pode ele não estar se, como timorense, perdeu familiares na luta contra a Indonésia, viu os seus amigos e o seu povo reduzirem-se e serem levados à servidão e à mendicidade?
Mas, no livro, ele contém a sua amargura. Ele investiga e acusa com um olhar sensível para com as proporções, os detalhes humanos. Para cada pergunta, ele apresenta as razões dela. Cada acusação é baseada em factos e não em partidarismo preconceituoso. Isso até seria compreensível nele, afastado como está da luta quotidiana da Fretilin. O seu papel de diplomata põe-o na maravilhosa posição de

se poder queixar e acusar. De poder gritar de cima dos telhados das NU a injustiça, assassínio, violação, inanição e escravidão do seu povo.
Admiro este homem que, apesar de toda a amargura e do sofrimento que lhe foi pessoalmente infligido, constrói consçienciosamente a sua argumentação (e também critica os companheiros de luta se isso fôr preciso).
Não porque ele fala a língua bem educada dos diplomatas mas porque ele, apesar dessa língua, exprime a sua ligação elementar com Timor Leste e o seu povo.
Tiro o chapéu a esse homem que, no fim da sua argumentação, depois de, como leitor, me ter feito chapinhar nos pântanos de miséria, cinismo e política brutal e ávida de poder, ainda tem a coragem de propôr que Timor Leste, depois da libertação, deve ter relações políticas amigáveis com a sua cruel inimiga Indonésia.

Construção
Foi a vez de uma terceira leitura do livro.
Depois do destino eterno de Timor Leste, além do respeito pelo quase meigo autor, dei atenção à construção e divisão do livro. Ramos Horta acentua três elementos.
Começa por dar uma curta história de Timor Leste, desde os primórdios da colonização, e conta sobre a sua juventude, que ele deixou nesta pequena ilha desconhecida, não há muito tempo.
Depois trata da luta da independência, em 1974 e 1975; a fundação da Fretilin e de outros partidos; as suas visitas ao ministro indonésio dos Negócios Estrangeiros, Adam Malik; as diferenças de opinião sobre o futuro de Timor Leste; a penosa guerra civil entre a Fretilin e a UDT, cujas feridas profundas só há alguns anos puderam ser curadas, graças a uma renovada colaboração.
Finalmente, a terceira e maior parte fala sobre o trabalho de Ramos Horta nas Nações Unidas e das acções das NU e de muitos outros países, em benefício ou prejuízo de Timor Leste.
Neste trabalho, Ramos Horta não esconde a sua formação jornalística. O texto está escrito num estilo simples (se não se olhar ao jargão diplomático que aparece nas resoluções citadas) e num inglês compreensível.

Efeito
Qual será o efeito de um livro destes, no caminho difícil da libertação colonial de uma região pela qual quase ninguém se interessa?
Um forte impulso para as poucas pessoas activas na Holanda, Europa Ocidental, Austrália, os EU, que desde há anos estão empenhadas na independência de Timor Leste?
Ou mais um prego no caixão de Timor Leste, porque a Indonésia e outros países malévolos poderão tirar proveito dele?
Não sei.
Apesar do medo e do pessimismo, continuo um optimista renitente. Para mim, um livro destes é sempre uma arma contra aqueles que, quer estejam em cima ou em baixo na hierarquia social, dizem acerca desta guerra desconhecida, nos confins da Terra: 'Ich habe es nicht gewüßt'.
Podíam ter sabido. Podíam ter feito alguma coisa, segundo as suas possibilidades pessoais e sociais.
Ainda podem ir manifestar-se para a rua.

Chris Huinder

'Funu, the Unfinished Saga of East-Timor', de José Ramos Horta, com prefácio de Noam Chomsky é uma publicação de The Red Sea Press, Incorporated, Trenton, New Jersey, 1987.
Pedidos ao Comité Indonésia, por transferência bancária de vinte e sete florins e meio (incluindo portes) para a conta nº 3065720 em nome da Fundação Informação Indonésia, Amsterdão, com a menção: 'Funu'.

tradução: luísa freitas